

davia, podia ver-te na tua casa, onde se recebe a agua divina da fé, portadora de todo o amor, de toda a crença e de toda a esperança. Mas, não é tarde, Senhor!... Desdobra sobre o meu espirito a luz da tua misericórdia e deixa que desabroche, ainda agora, no meu coração de pecador, as açucenas perfumadas do teu perdão e da tua piedade, para que eu seja incorporado ás falanges radiosas que operam na tua casa, exibindo com o meu esforço de espirito a mais clara e a mais sublime de todas as profissões de fé.

12 de Junho de 1936.

CARTA A MARIA LACERDA DE MOURA

É para você, Maria Lacerda, que envio hoje o meu pensamento de espirito. Tarefa excessivamente arriscada essa de dirigir-se um morto aos literatos da Terra, quasi sempre dobrados ás injunções de ordem politica e social. É verdade que Berilo Neves, o ano passado, teve a precisa coragem de se referir, na Associação Brasileira de Imprensa, ás minhas mensagens póstumas; mas, você, na serenidade do seu animo e na incorrutibilidade do seu ca-

racter, pode entender o meu pensamento e ouvir a minha voz.

Não sou estranho ás suas atividades e aos seus estudos, no plano das investigações espi-ritualistas. Saturada de sociologia, você reconhece agora, como eu, nos derradeiros anos de minha peregrinação pela Terra, a possibilidade remota de se concertar o edificio esburacado dos costumes humanos, dentro de uma civilização de barbaria, onde a moral cae aos pedaços e, voltando a sua atenção para o mundo invisível, você conversa com as sombras, tornando-se a confidente abençoada dos mortos. Seu olhar, acostumado ás assembléias seletas das grandes cidades sul-americanas, passeia agora, ás vezes, no imperio do silencio dos que já partiram no mundo, onde o seu juízo critico vai buscar um motivo novo para falar caridosamente, acordando os homens. Quiz ainda você constituir o seu novo ninho junto das catacumbas e dos salgueiros e, desse calado retiro, estende-se o seu pensamento para o misterio da noite, povoada de sonhos e de constelações.

Os pensadores, Maria Lacerda, são impotentes para salvar o mundo da desgraça em que ele proprio submergiu. A confusão tem de se processar, para que se destrua o edificio milenar dos habitos e dos preconceitos de toda ordem. Uma nova vida terá de florescer sobre os alicerces da morte. Todos os que lutaram e

os que se encontram lutando ainda pelo esclarecimento da coletividade são frutos extemporaneos da civilização do futuro. Eles oferecem um roteiro de liberdades fulgurantes; mas, em torno do homem contemporaneo respira-se ainda uma atmosfera terrível de destruição.

Ha varios decenios, luta-se teoricamente para que um novo estado de coisas se estabeleça no mundo. Clama-se por leis economicas que regulem nos paizes a distribuição do necessario e queimam-se produtos, em quasi todas as regiões do planeta, objetivando o cumprimento de absurdas determinações da politica do isolamento. A palavra dos Kropotkine são em vão, conclamando os espiritos de boa vontade. Mussolini assina um programa socialista nos primordios da sua carreira politica, escondendo a pretensão exclusiva de conquistar um império. O presidente pacifista dos Estados Unidos idealiza a organização da paz internacional de Genebra, de cujas atividades o seu paiz não compartilha. O Japão fala de seus direitos de nacionalidade, avançando sobre os territorios da China. A Russia institue o comunismo, entendendo-se otimamente com todas as potencias capitalistas. De Roma, que se diz piedosa e cristã, saem as hordas de conquistadores para a mais absurda das guerras. A Alemanha hitle-rista expulsa Einstein, dentro de suas preocupações de racismo. Nas republicas sul-america-

nas, ha movimento de comercio com a Internacional Armamentista. Na Inglaterra, o "Intelligence Service" fomenta o dissidio e a discordia, nas suas cogitações imperialistas. A Espanha embriaga-se no desvairamento da guerra civil. Em toda parte, bebe-se um vinho de ruina e de morte e, entre os homens atordoados, sopra um furacão maligno de arrazamentos.

Os sociologos vêem as suas atividades circuncritas ao castelo maravilhoso das palavras, porque os homens estão entregues ao seu infatunado destino.

Não valeu o esforço dos espiritos avançados na solução das incognitas científicas, porquanto todas as descobertas destes ultimos tempos são brinquedos terríveis na mente infantil dessa civilização que se desenvolveu sem a educação individual.

A verdade é que o homem está vivendo para destruir o homem.

Um dos pensadores modernos, contemplando o aspeto doloroso da atualidade, concluia tristemente que, se o homem contemporaneo considera natural o exterminio de mulheres e de crianças, nos ultimos movimentos belicos do planeta, não será extraordinario, daqui a alguns anos, que os homens se devorem uns aos outros. De facto, a criatura humana parece regredir á noite escura e misteriosa das

suas origens. Todavia, o estudo psicologico dessa situação nos conduz a muitas reflexões sobre as suas causas profundas e concluímos que os homens atuais são mais infelizes que perversos. O que se intensificou em toda parte da Terra, arruinando os setores da atividade humana, foi aquela crise espiritual a que Gandhi se refere em suas exortações. O Ocidente poderia salvar-se conservando o equilíbrio do mundo, se o Cristianismo, em sua simplicidade e em sua pureza, não fosse deturpado pelas igrejas mercenarias. A moral cristã teria fatalmente de evoluir para a simplificação suprema da vida, se os religiosos não a tivessem asfixiado no carcere estreito de suas cogitações politico-sociais. E o resultado de tão nefastos empreendimentos é a atualidade dos homens, inçada de morticínios e crivada de dores.

Contudo, ha uma providencia misericordiosa acompanhando os surtos evolutivos da Terra e, na hora justa dos abalos sociais de toda natureza, os tumulos se enchem de vozes e de revelações consoladoras, realizando profecias.

Fascismo, ditaduras para o proletariado, falsas democracias terão de desaparecer nos fragores da luta, para que a politica espirituallista inaugure o direito novo, a lei nova, controladores de todos os fenomenos da economia dos povos. O homem compreenderá então a

necessidade de um imperativo de paz, solidario com o progresso espiritual dos outros mundos.

É objetivando a construção do edificio da concordia universal sobre a base da educação de cada personalidade e de leis economicas que façam desaparecer para sempre o quadro doloroso da miseria e da fome, que os mortos voltam para falar aos encarnados, no turbilhão escuro de suas vidas.

Num dos seus ultimos artigos na imprensa de Paris, Mauricio Maeterlinck considerava erroneamente: — “Estes mortos que sobrevivem parecem bem fracos, bem precarios e bem miseraveis. Lembram os fantasmas vaporosos, arrebatados pelos turbilhões no inferno do grande poeta florentino. Preguiçosos, desamparados, exangues, nada mais tendo a fazer, não persistem eles senão á escuta de uma voz da Terra ? É essa a prova de sua sobrevivencia e, se sobrevivem realmente, não poderão realizar outra coisa ? Recomeçam a viver ou acabam de morrer ?”

Maeterlink, porém, não conseguiu uma visão exacta das atividades dos que já partiram das fadigas da luta material. Dentro das preoccupações do *high-life*, não viu a multidão das criaturas consoladas pela confortadora Doutrina dos Espiritos e nem logrou compreender que os mortos não podiam começar por onde os vivos acabaram. Os homens terminaram sua

luta na organização exclusivista, na ciencia pre-sunçosa e na suposta infalibilidade. Mas, os mortos iniciam a sua cruzada junto dos que sofrem e dos que raciocinam.

E, de você, Maria Lacerda, que vive espiritualmente na vanguarda dos tempos, nós esperamos um grande coeficiente de forças em favor do nosso triunfo na alma das massas. A sua acurada percepção pode reconhecer a vigorosa andaimaria do edificio do porvir, pois não está longe o dia em que os homens se cansarão de lutar uns com os outros, espalhando a miseria e o exterminio. Os lobos famintos da civilização armamentista ficarão sob os escombros fumegantes de suas grandezas e a alma cristã cantará a gloria dos pacificos e dos bemaventurados.

Você, Maria Lacerda, tem muito que fazer.

Decuplique as suas energias e as suas esperanças.

A sua palavra é a da rainha de Helicar-nasso.

Reuna com o seu esforço todos os guerreiros inativos e vamos lutar.

24 de Julho de 1936.

PEDRO, O APOSTOLO

Enquanto a capital dos mineiros, dirigida pelos seus elementos eclesiasticos, se prepara, esperando as grandes manifestações de fé do segundo Congresso Eucaristico Nacional, chegam os turistas elegantes e os peregrinos invisiveis. Tambem eu quiz conhecer de perto as atividades religiosas dos conterraneos de Augusto de Lima.

Na praça Raul Soares, espaçosa e ornamentada, vi o monumento dos congressistas, elevando-se em forma de altar, onde os atos religiosos serão celebrados. No tope, a custodia, rodeada de arcanjos petrificados, guardando o simbolo suave e branco da eucaristia, e, cá em baixo, nas linhas irregulares da terra, as acomodações largas e fartas, de onde o povo assistirá, comovido, ás manifestações de Minas catolica.

Foi nesse ambiente que a figura de um homem trajado á israelita, lembrando alguns tipos que, em Jerusalém, se dirigem frequentemente para o lugar sagrado das lamentações, aguçou a minha curiosidade incorrigivel de jornalista.

— Um Judeu ?! — exclamei, aguardando as novidades de uma entrevista.

— Sim, fui Judeu, ha alguns centenas de anos — respondeu laconicamente o interpelado.